

A Representação do Papel da Mulher nas Princesas da Disney: uma análise sob a ótica feminista

Fernanda de Abreu Appolinário^I
Fernanda Cristina Nanci Izidro Gonçalves^{II}

Resumo: O objetivo principal deste artigo é realizar uma análise a respeito das alterações no padrão de representação do comportamento de princesas da Disney, corporação multinacional norte-americana, identificando uma relação com a evolução do movimento feminista no hemisfério ocidental. Para tanto, é utilizado como base a teoria feminista da disciplina de Relações Internacionais. Sendo assim, o presente estudo apresenta as diferentes faces e vertentes do feminismo no cenário internacional e realiza uma comparação entre o comportamento e a representação do papel da mulher a partir da análise de três princesas: Aurora, do filme “A Bela Adormecida” (1959); Ariel, do filme “A Pequena Sereia” (1989); e Moana, do filme “Moana: Um Mar de Aventuras” (2016). Conclui-se que a evolução no papel da mulher na sociedade é acompanhada de mudanças na forma como as princesas são retratadas nos filmes da Disney, como se nota por meio dos estudos de caso.

Palavras-Chave: Feminismo; Disney; Ariel; Aurora; Moana.

The representation of women’s role in Disney princesses: an analysis from a feminist point of view

Abstract: The main goal of this article is to perform an analysis about the changes in the representation of Disney princesses’ behavioral pattern, considering Disney as a multinational North American corporation, presenting a relation with the feminist movement progress on the occidental hemisphere. In order of doing so, this analysis is based on International Relations’ feminist theories. With that stated, this study exposes different faces and aspects of feminism in the international sphere and compares the behavior and representation of women’s role by analyzing three Disney princesses; Aurora, from “Sleeping Beauty” (1959); Ariel, from “The Little Mermaid” (1989); and Moana, from the movie “Moana” (2016). It is concluded that women’s role evolution in society relates to changes on the ways princesses are represented on Disney movies, as will be seen from the case studies.

Keywords: Feminism; Disney; Ariel; Aurora; Moana.

Artigo recebido em 30/03/2020 e aceito em 07/06/2020

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

Introdução

Desde os primeiros indícios de sua presença no cenário político internacional, o ideal feminista teve momentos de maior e menor destaque, perdendo ou ganhando mais visibilidade e aderência dependendo do tempo e espaço. Durante o período anterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a mulher ocidental possuía como papel fundamental o ideário de ser dona de casa, cuidando de sua família. O lugar da mulher era, portanto, restrito ao âmbito privado. Com a eclosão da Segunda Guerra, surgiu a necessidade de aumentar a mão de obra para as fábricas, e com isso houve um grande incentivo para as mulheres se inserirem, temporariamente, no mercado de trabalho, representando uma mudança importante para a sociedade da época^{III}.

Após este período, houve o gradativo aumento da disseminação da corrente feminista no Ocidente, possuindo como principal ideal a igualdade nas relações de gênero^{IV}, no espaço político, no mercado de trabalho e no âmbito das relações privadas. Ann Tickner^V, uma das mais importantes acadêmicas feministas das Relações Internacionais (RI), identifica uma maior disseminação do movimento feminista a partir da década de 1990, quando há também um maior desenvolvimento teórico do feminismo principalmente em países do Norte, como nos Estados Unidos (EUA).

A respeito deste país, o século XX foi marcado por sua ascensão no sistema internacional, constituída pelo pilar estrutural, institucional e ideológico^{VI}. A grande potência se destacou internacionalmente pelo considerável poder de influência que adquiriu a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), exercendo o que Joseph Nye^{VII} identifica como *smart power* ao unir o uso do *hard* e do *soft power* em sua política externa^{VIII}. O *soft power* dos EUA é exercido não apenas pelo governo, mas por suas empresas multinacionais, por seus artistas, pela sua moda, pelo “*American way of life*”^{IX}, expandindo sua cultura e valores a nível internacional.

No ano de 2017, a revista Forbes enumerou as 25 maiores empresas de capital pulverizado dos EUA^X, ou seja, empresas que não possuem controladores. Dentre as companhias de diversos setores apontadas pela revista, a vigésima quarta é considerada a maior empresa midiática do mundo, a *Walt Disney Company*^{XI}. Desde sua fundação no ano de 1923, a empresa em questão obteve grande destaque pela produção de filmes de animação. Com o tempo, o desenvolvimento da Disney englobou diferentes ramos, como produção de material musical, brinquedos, vestuário, parques temáticos, entre outros segmentos. Contudo, a companhia nunca deixou de estar inserida no ramo do entretenimento, sendo uma das responsáveis por difundir os valores ocidentais e americanos para diversas partes do mundo.

Os filmes são um dos principais produtos da organização e influenciam o imaginário de diversas crianças, que se identificam com os personagens e histórias apresentadas. Entre os principais personagens se encontram as princesas da Disney, cuja postura, vestimenta e trajetória vêm mudando ao longo dos últimos anos, evidenciando uma adaptação dos produtos lançados pela empresa ao mercado e ao novo contexto nacional e internacional, marcado pela discussão de gênero e pela necessidade de empoderamento das mulheres, cujo fortalecimento do movimento feminista – acima destacado – defendeu.

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

Considerando o exposto, este artigo busca estudar a relação entre o movimento feminista ocidental e as mudanças existentes nos padrões de comportamento das personagens femininas nos filmes animados produzidos pela Disney. Desta forma, busca-se contextualizar o cenário internacional da década de 1950 com a de 1980 e 2010, apontando o progresso do movimento feminista no hemisfério Ocidental para analisar seu impacto na indústria midiática, analisando a mudança no perfil das personagens da Disney. Assim, busca-se compreender de que forma o movimento feminista influencia as alterações nas representações femininas nos filmes. Para tanto, compara-se o papel das princesas Aurora, do filme “A Bela Adormecida” (1959); Ariel, do filme “A Pequena Sereia” (1989); e Moana, do filme “Moana: Um Mar de Aventuras” (2016), permitindo identificar as representações das personagens femininas em diferentes períodos históricos, marcados por distintas fases do movimento feminista.

Este artigo busca responder a seguinte questão: de que modo o papel da mulher representado pelas princesas nos filmes de animação da Disney se relaciona com o movimento feminista no cenário internacional em diferentes épocas? Que mudanças podem ser observadas no papel das mulheres nestes diferentes filmes e períodos?

Para responder tais questões, a hipótese que orienta este artigo é de que a evolução do movimento feminista e de suas demandas em prol da defesa de igualdade entre gêneros reflete uma alteração na representação do papel da mulher nos filmes da Disney, existindo uma relação entre ambos. As principais mudanças observadas na representação do papel da mulher nas princesas das produções cinematográficas são a adoção de comportamentos mais independentes e empoderados nas personagens, estando em convergência com as demandas da agenda feminista no cenário internacional.

Este artigo é orientado pelo método exploratório de pesquisa e por estudos de caso comparados. A coleta de dados é baseada em referências bibliográficas, compostas por artigos acadêmicos, livros e fontes de sites confiáveis, como o site oficial da Disney. Também são utilizadas fontes cinematográficas para realizar a análise dos filmes e da mudança de comportamento das personagens estudadas, assim como a forma com que são apresentadas para o público. Destaca-se que as escolhas das personagens não são aleatórias e se fundamentam por serem personagens de grande sucesso, lançadas em diferentes épocas, permitindo comparar as mudanças existentes na representação do papel da mulher.

Para além desta introdução, o presente artigo é segmentado em quatro distintas seções. A primeira aborda a perspectiva teórica feminista. A segunda seção evidencia a evolução do movimento feminista no mundo ocidental. A terceira analisa as personagens Aurora, Ariel e Moana, identificando o comportamento e as alterações da representação das princesas, aplicando a teoria feminista e correlacionando as personagens a seus devidos contextos históricos. Por último, a conclusão apresenta os resultados da pesquisa.

Feminismo: conceitos e abordagens teóricas

O termo “feminismo” é definido por Susan Okin^{XII} como a crença de que as mulheres não devem ser discriminadas ou tratadas de forma desigual por seu sexo, mas reconhecidas e com as mesmas oportunidades que um homem pode ter. Alguns autores de Relações Internacionais (RI) consideram que a presença do feminismo no cenário internacional ocorre

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

por três gerações (ondas) guiadas por objetivos diferentes e relevantes para cada período histórico em que estão inseridas^{XIII}. Existem, ainda, autores que defendem a emergência de uma quarta onda do feminismo após os anos 2000, possuindo como principal característica o uso da internet para que mulheres se organizem visando a propagação do feminismo de forma ativa e global^{XIV}.

Na atual forma do feminismo, o conceito de gênero deixa de ser relacionado com os sexos feminino e masculino e é compreendido como um agrupamento de símbolos socialmente estabelecidos que variam de acordo com cada cultura, raça ou etnia, representando o que é compreendido pela sociedade em que estão inseridos como “masculinidade” e “feminilidade”. Por outro lado, o sexo possui uma relação maior com as questões biológicas e a composição de “macho” e “fêmea” do que questões sociais, como ocorre com a noção de gênero^{XV}.

Ao estudar a hierarquia entre os sexos, surge o conceito de patriarcado^{XVI}, sendo possível afirmar que as características de gênero mais valorizadas em uma sociedade patriarcal são as masculinas, em detrimento das femininas^{XVII}.

A presença de teorias feministas no estudo de RI ganhou força a partir da década de 1990, período marcado por guerras étnicas em que muitas mulheres foram estupradas para que houvesse uma limpeza das etnias. A grande quantidade de estupros como arma de guerra foi um dos principais fatores que fez com que existisse a necessidade de discutir a questão de gênero nas Relações Internacionais, o que ocorreu de forma mais tardia que nas outras ciências humanas. Apesar de sua recente inserção nas RI, a teoria feminista possui diversas abordagens, que variam de acordo com as considerações de cada analista. Sendo assim, cada teoria analisa o feminismo de diferentes formas, apesar de partilharem de uma mesma ideologia central, que defende a busca por maior justiça e igualdade de gênero no cenário internacional^{XVIII}.

Dentre tais abordagens, é possível identificar o feminismo liberal que foi vítima de diversas críticas, uma vez que defende a importância da intervenção estatal para garantir a igualdade da mulher na sociedade, argumentando que o maior responsável pela desigualdade seria a legislação. De acordo com essas feministas, seria necessário que o Estado removesse os impedimentos legais para que as mulheres conseguissem alcançar seus objetivos e serem vistas como indivíduos, e não como grupo ou como apenas pessoas do sexo feminino^{XIX}. As críticas surgem com a ascensão de novos modelos que contestavam a metodologia empirista/positivista utilizada pelo feminismo liberal, assim como seu argumento de que a igualdade seria advinda de reformas legislativas, que é o caso do que ocorre com o feminismo radical^{XX}.

Para além, também é possível apontar uma divergência entre o feminismo liberal e o radical, uma vez que o primeiro visa a busca pela igualdade entre o homem e a mulher, enquanto o segundo tem como objetivo a valorização de características essencialmente femininas e busca pela autonomia suprimida no patriarcado.

Outro ponto de vista feminista nas Relações Internacionais é o feminismo socialista que defende, principalmente, a crença de que o patriarcado na sociedade advém e se faz presente no controle do homem sobre o trabalho da mulher.^{XXI} Na visão socialista, a opressão da mulher ocorre tanto nos meios de produção, como nos de reprodução^{XXII}.

A abordagem socialista do feminismo foi importante por desenvolver a *standpoint theory*, interpretada como uma visão de que o conhecimento é resultado de interesses de grupos

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

específicos e constituído por diversas variáveis espaço-temporais. Para as feministas que defendem tal teoria, como Nancy Hartsock, a subordinação da mulher ao homem resulta em uma facilidade maior na compreensão do cenário em que estão inseridas^{XXIII}. Dessa forma, se desenvolvida a capacidade de compreender a realidade, é possível que as mulheres se libertem da supremacia e da opressão masculina.

Em momento de uma maior visibilidade do feminismo na disciplina, Christine Sylvester apresenta uma teoria que diferencia duas perspectivas presentes no pós-modernismo: o feminismo pós-moderno e o pós-modernismo feminista. O primeiro possui uma abordagem cética e problematizadora na qual um gênero não deve ser menosprezado para que outro menos privilegiado assuma seu lugar como soberano; e o último defende políticas que vão além da empatia entre gêneros, com o objetivo de se afirmar independentemente disso resultar ou não na exclusão de outros^{XXIV}.

O fim do século XX também é marcado pelo surgimento de novas abordagens críticas às anteriores, principalmente quando se pensa que grande parte das teorias feministas pós-positivistas buscam sua aplicação para mulheres de Primeiro Mundo. Com novas discussões emergindo nas RI, também se fazem presentes novos debates sobre a marginalização e a necessidade de inclusão do discurso do Terceiro Mundo em suas análises, como é defendido pelo feminismo negro e pelo pós-colonialismo.

O feminismo negro^{XXV} aponta que as variáveis presentes nas próprias mulheres, como raça e nacionalidade, devem ser incorporadas nas teorias para que seja possível, realmente, buscar maior igualdade e justiça para todas, não apenas para as mulheres brancas e mais privilegiadas^{XXVI}. Este modelo é manifestado, sobretudo, por mulheres afro-americanas que refletem sobre a grande subordinação e estereotipização da mulher negra no mercado de trabalho e na sociedade, além da exclusão dessas mulheres de posições de poder^{XXVII}.

Já a visão feminista pós-colonial engloba questões relacionadas à raça, nacionalidade e classe para discutir o gênero, diferentemente da visão pós-moderna^{XXVIII}. Dessa forma, os principais elementos da crítica feita pelos pós-coloniais se fazem presente, sobretudo, na perspectiva essencialmente Ocidental e na desconsideração das experiências e participação de terceiro-mundistas existentes nas análises pós-modernas.

Outras autoras a serem abordadas quando se estuda o feminismo na disciplina são Spike Peterson e Anne Runyan^{XXIX}, importantes por definirem o “ponto de vista feminista” nas Relações Internacionais e abordarem mais profundamente o significado que compõe o conceito de gênero. As autoras indicam que o ponto de vista feminista advém daquelas que apontam e/ou refletem sobre a pouca inserção das mulheres nas relações internacionais e sua marginalização, realizando uma relação com o poder do gênero^{XXX}.

De acordo com as autoras, as características que compõem o gênero feminino são socialmente consideradas como subordinadas e inferiores às do gênero masculino, indicando a existência de uma hierarquia de gênero, mesmo estes sendo suscetíveis às variáveis globais apresentadas. Essa hierarquização demonstra uma relação entre gênero e poder, principalmente quando projetada para uma escala global, ultrapassando a noção individual para ser possível realizar tal análise a nível internacional^{XXXI}.

Para a orientação deste trabalho, as referências teóricas feministas escolhidas para um melhor encaixe no tema incluem obras de Ann Tickner^{XXXII} e Cynthia Enloe^{XXXIII}. Tais autoras

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

foram selecionadas, principalmente, por defenderem uma vertente do feminismo mais contemporânea e analisarem o contexto histórico ao aplicarem suas teorias ao estudo das Relações Internacionais. De acordo com Sylvester^{XXXIV}, Tickner e Enloe são importantes teóricas feministas que contribuem para os estudos de RI e abordam o feminismo a partir da *standpoint theory*.

O feminismo se difunde na sociedade tanto em contextos locais com a necessidade de alcançar objetivos específicos, como pela difusão transnacional de suas ideias e convicções^{XXXV}. Sendo assim, é importante analisar não só a teoria do feminismo e sua influência no estudo das RI, mas também a evolução e as alterações que o movimento social sofreu com o passar dos anos em diferentes contextos políticos e geográficos. É esse o objetivo da próxima seção.

1. Evolução do movimento feminista

Simone de Beauvoir^{XXXVI} aponta o papel da mulher nos primórdios da civilização, em um cenário onde, apesar de algumas mulheres consideradas fortes ajudarem os homens com a caça e trabalhos mais pesados, a questão biológica reprodutiva fazia com que estas precisassem ser protegidas do perigo que havia em tais ofícios. Dessa forma, o patriarcado é instaurado a partir de uma hierarquia na qual os homens teriam como função principal moldar a sociedade e serem provedores de alimentos e proteção para suas respectivas famílias, enquanto as mulheres seriam restritas à reprodução e a cuidar de seus lares^{XXXVII}.

Até o momento da Revolução Francesa (1789–1799), as mulheres eram constantemente diminuídas na sociedade, seja pela questão do casamento forçado ou por outras formas de imposição sofridas pelo sexo feminino e descritas em leis de diferentes países. Foi possível notar uma maior liberdade feminina na França durante a Revolução, uma vez que se notava maior expressão das mulheres no meio artístico e pequenas mudanças na legislação após a proposta realizada por Olympe de Gouges no ano de 1791, visando a equidade de direitos entre a mulher e o homem^{XXXVIII}.

Nesse mesmo período, especificamente no ano de 1792, houve a publicação do livro *Vindication of the Rights of Woman* por Mary Wollstonecraft, o que foi considerado por alguns como um marco inicial do feminismo moderno em solo britânico^{XXXIX}. Esse movimento de defesa às questões femininas, que posteriormente englobariam a luta por participação da mulher no âmbito social e político, serviu para impulsionar o que se tornaria a primeira onda do feminismo, com duração desde o século XIX até o início do século XX^{XL}.

Apesar de ser possível identificar os primeiros indícios de movimentos feministas durante esse momento de grandes mudanças na França, a ascensão napoleônica acabou por gerar certo retrocesso^{XLI}. O século XIX também foi marcado pela presença da Revolução Industrial (1760-1850), responsável por promover de forma gradativa a mão de obra feminina nas indústrias, principalmente na área de costura das produtoras de algodão^{XLII}. O trabalho de mulheres nas indústrias era visto como um grande avanço do país no que tange à liberdade feminina^{XLIII}.

Por outro lado, esse tipo de trabalho culminou, por décadas, em uma exploração do empregador sobre os funcionários, sobretudo as mulheres, com carga horária de até 14 horas

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

diárias, salários baixos, e sem direitos trabalhistas garantidos^{XLIV}. Foi apenas nas últimas décadas do século XIX que o trabalho de mulheres nas indústrias passou a ser regulado por meio de leis que protegessem as trabalhadoras. Contudo, o salário permaneceu, por muitos anos, inferior ao dos homens.

Além da busca por maior inserção no mercado de trabalho e mais direitos que englobassem questões a respeito do casamento (divórcio, tutela, casamento forçado), as mulheres também desejavam mais inclusão na política por meio do voto. Na Inglaterra, o debate sobre o sufrágio surgiu no ano de 1830 e ganhou maior visibilidade com o passar do tempo, se tornando um grande movimento social no ano de 1905, defendido pelas sufragistas. O voto feminino foi conquistado pelas britânicas no ano de 1918^{XLV}.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) se faz presente no início do século XX, alterando as disposições sociais da época. A posição de grande parte das mulheres na Guerra, sobretudo nos Estados Unidos, foi de estarem à disposição para suprir as lacunas nacionais, assumindo cargos em escritórios e fornecendo alimentos e ajuda médica aos soldados^{XLVI}. O fim da Guerra fez com que os cargos de trabalho conquistados pelas mulheres voltassem a ser tomados pelos homens. Nota-se o mesmo padrão de comportamento durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)^{XLVII}. Essa interrupção foi agravada durante o início da Guerra Fria (1947-1991), uma vez que os EUA defendiam a necessidade de demonstrar unidade familiar no sistema capitalista, com o objetivo principal de combater o comunismo^{XLVIII}.

Apesar de ser um momento de maior inércia para o feminismo no cenário internacional, a francesa Simone de Beauvoir publicou o livro *“Le Deuxième Sexe”* no ano de 1949, demonstrando a resistência do movimento feminista nos EUA, dentre outros Estados. O livro em questão foi de extrema importância, uma vez que pode ser interpretado como um marco no ressurgimento do feminismo e na introdução de tais abordagens no meio acadêmico após o período de estagnação que o movimento passara^{XLIX}.

O período que sucede a década de 1950 é o de surgimento da segunda onda do feminismo, marcada por um momento de busca pela libertação da mulher tanto na esfera legal quanto social^L. Nos EUA, a presença do feminismo da década de 1960 foi simbolizada pela criação da Organização Nacional para as Mulheres (1966) por uma importante autora feminista da época, Betty Friedan^{LI}; e pelo Movimento de Libertação Feminina. Tal movimento era formado por grupos localizados e não-hierarquizados de mulheres que defendiam tanto o feminismo radical quanto o liberal, com o objetivo de conscientizar a sociedade norte-americana a respeito do poder masculino exercido sobre as mulheres em diferentes esferas, sobretudo a pessoal^{LII}.

Na Inglaterra, o Movimento Britânico de Libertação Feminina também se fez presente durante as décadas de 1960 e 1970, com maior parte de sua constituição composta por mulheres de classe trabalhadora e defensoras do feminismo marxista e socialista, e que, assim como as norte-americanas, também lutavam por direitos iguais entre ambos os sexos^{LIII}.

Outra importante característica da segunda onda do feminismo, a teorização dos ideais feministas, ocorreu a partir da década de 1970, ainda que grande parte das teorias fossem baseadas no livro de Beauvoir^{LIV}. Essa teorização culminou no maior alcance dos

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

ideais feministas, e, ao final da década, mulheres americanas e europeias passaram a questionar e criticar noções previamente estabelecidas sobre a feminilidade; refletindo, conseqüentemente, na alteração dos padrões de vestimentas consideradas femininas para este período^{LV}.

Com o passar dos anos, em meados da década de 1980, a noção do pós-feminismo emergiu no cenário internacional com o auxílio da indústria midiática, gerando contestação por parte de diversos autores, devido principalmente à ambigüidade da palavra em si^{LVI}. Há autoras, como Tania Modleski^{LVII}, que defendem a crença que o prefixo “pós” seria uma forma de crítica ao feminismo em si, subestimando seus objetivos e demonstrando ruptura com o movimento em questão. Por outro lado, há aqueles que defendem o sentido de “pós” como uma continuidade do feminismo já existente, uma vez que a teoria passa a englobar uma maior pluralidade social, incluindo mulheres negras, lésbicas e homens, por exemplo. Ann Brooks^{LVIII} afirma essa questão, apontando também o fato de tal pluralidade fazer com que o feminismo contemporâneo seja mais voltado para o debate em si, suas discussões e diferentes opiniões, do que para a dicotomia e hierarquização entre ambos os sexos; conforme ocorre no decorrer da segunda onda.

Com o objetivo de se afastarem da discussão entre as feministas da segunda onda e pós-feministas, algumas mulheres passaram a se declarar como feministas de terceira onda, fornecendo um maior sentido semântico de alterações no modelo anterior sem que haja uma ruptura abrupta, de forma a manter certa continuidade no pensamento^{LIX}. Tal encadeamento pode ser observado uma vez que estas feministas permanecem defendendo a igualdade entre as oportunidades oferecidas ao homem e à mulher, sobretudo no mercado de trabalho, assim como a equidade salarial. Por outro lado, considerando a influência de diferentes vertentes do feminismo na terceira onda, como é o caso do feminismo negro e do pós-colonial, uma de suas características principais é a pluralidade do movimento, englobando questões relacionadas ao gênero, à raça, às classes e às diferenças ideológicas^{LX}.

Apesar de a considerada última onda do feminismo até a atualidade (década de 2010) ter surgido em meados da década de 1980, quase em simultaneidade com o pós-feminismo, foi apenas após 1990 que tal movimento passou a ter mais visibilidade no cenário internacional (Quadro 1). Esse maior destaque, conseqüente da emergência da terceira onda, culminou em uma influência feminista mais forte, tanto na sociedade internacional como um todo, quanto na esfera acadêmica; conforme pode ser observado com a criação de um setor de Teoria Feminista e Estudos de Gênero na *International Studies Association* (ISA)^{LXI}.

O século XXI perpetua os ideais defendidos pela terceira onda do feminismo, aplicando-os mais concretamente à política internacional, como nota-se no ano 2000 a partir da criação da Agenda ONU de Mulheres, Paz e Segurança, demonstrando a inclusão e importância desse tema na nova agenda internacional^{LXII}. Outro marco importante para o feminismo na política internacional foi a criação da ONU Mulheres no ano de 2010, com intenção principal de garantir que os Direitos Humanos sejam aplicados a mulheres de diferentes locais do mundo^{LXIII}.

Na atualidade (década de 2010), um importante foco feminista presente na agenda internacional é a luta contra a discriminação e a violência contra a mulher, além da busca por uma maior compreensão e estudos a respeito da noção de gênero. Nesta década, o ano de 2015, especificamente, teve sua importância pela demonstração da possibilidade concreta

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

de introduzir o feminismo na política externa de um Estado, como foi o caso da Suécia, servindo de pretexto para que outros países seguissem o mesmo padrão^{LXIV}.

A partir da apresentação de como o feminismo evoluiu à luz dos diferentes momentos que marcaram o cenário internacional, é relevante considerar os acontecimentos internacionais e a interligação entre as diferentes ondas do feminismo como importantes variáveis para analisar o impacto dessa ideologia em esferas mais específicas, o que é realizado neste trabalho a partir do estudo da representação do papel da mulher nas seguintes princesas da Disney: Aurora, Ariel e Moana.

Quadro 1 – Cronologia da evolução do movimento feminista

Período	Marcos
Até a Revolução Francesa (1789)	Mulheres oprimidas e com expressão social quase nula
Revolução Francesa (1789-1799)	Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã (Olympe de Gouges), e <i>Vindication of the Rights of Woman</i> (Mary Wollstonecraft)
Século XIX	<i>Code Napoléon</i> . Revolução Industrial. Primeira onda do feminismo
Final do século XIX	Regulações para trabalho feminino nas indústrias
1905-1928	Movimento das sufragistas na Inglaterra, voto feminino no ano de 1918
Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945)	Mulheres tomam cargos deixados pelos soldados, ficam à disposição para suprir as necessidades dos países envolvidos na guerra
Período Entreguerras (1918-1939)	Homens retornam a seus países e mulheres perdem cargos conquistados
Início da Guerra Fria (1947)	Combate ao comunismo → mulheres condicionadas a atividades do âmbito doméstico
Década de 1950	Momento de interrupção do feminismo, propaganda controversas, publicação de " <i>Le deuxième sexe</i> " (1949)
Década de 1960	Segunda onda do feminismo . Organização Nacional para as Mulheres, Movimento de Libertação Feminista (EUA e Inglaterra)
Década de 1970	Conferência Nacional do Movimento de Libertação Feminista. Teorização. Questionamento sobre a feminilidade
Década de 1980	Esposas de diplomatas britânicos se unem às causas feministas do Movimento de Libertação Feminista. Pós-feminismo
Década de 1990	Terceira onda do feminismo . Setor de Teoria Feminista e Estudos de Gênero na ISA

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

Anos 2000	Agenda ONU marcada por temas relacionados Mulheres, Paz e Segurança
2010-2018	ONU Mulheres. Suécia defende feminismo em política exterior. Maior discussão sobre feminismo em âmbito acadêmico, social e político.

Fonte: Elaboração própria

2. As princesas da Disney e a representação do papel da mulher

a. A Bela Adormecida

Dentre as três escolhidas, a primeira animação lançada foi “A Bela Adormecida”, que consiste em um conto de fadas que retrata a história de uma princesa (Aurora) enfeitiçada no dia da comemoração de seu nascimento, mesmo dia em que é realizado um acordo entre reis para combinar o futuro casamento da recém-nascida com o príncipe Phillip. A história conta que Aurora foi escondida ainda bebê em uma floresta com o objetivo de evitar que a maldição se concretizasse, e lá se apaixonou ao encontrar o príncipe, sem que os dois tivessem se reconhecido. Malévola, a fada má que a havia enfeitiçado, descobre o esconderijo e finaliza seu plano inicial, induzindo Aurora a furar o dedo no fuso de uma roca e ficar inconsciente. O desfecho ocorreu quando a princesa foi despertada por um beijo de Phillip, que a salva da maldição.

Após realizar uma análise dos acontecimentos mencionados, é possível observar certa ausência da personagem em seu próprio longa-metragem, tendo em vista a falta de capacidade que a princesa desenvolve em se libertar do feitiço lançado. Dessa forma, o príncipe pode ser considerado um segundo protagonista do filme, uma vez que possui o papel de salvar a princesa. Passa a ser cabível, então, fazer uma comparação entre as principais características apresentadas por ele e por Aurora, visando examinar as diferenças entre as representações do papel masculino e feminino no contexto internacional em que fora realizado o lançamento do longa-metragem.

A princesa apresenta características que englobam muitas ações e aspectos considerados típicos da noção de gênero feminino durante a década de 1940, como o fato de ser emotiva, afetuosa, próxima de sua família e de se apaixonar com facilidade. Phillip, por outro lado, apresenta comportamentos mais valorizados como masculinos, demonstrando confiança, curiosidade e coragem^{LXV}. Além dos padrões comportamentais de tais personagens, as diferenças entre as representações masculina e feminina também são projetadas em suas composições físicas, como é observado no formato atlético do corpo de Phillip e na magreza desproporcional de Aurora, reafirmando estereótipos e padrões de beleza aceitos pela sociedade.

Uma maior compreensão do contexto histórico em que os EUA estavam inseridos durante o período de estreia do filme, no ano de 1959, faz com que seja possível identificar algumas justificativas para compreender a abordagem escolhida pela Disney na elaboração

do longa-metragem, assim como fazer a relação com o cenário internacional da época. Primeiramente, identifica-se a necessidade da existência de um par amoroso para a princesa

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

desde o momento de seu nascimento, como ocorre com o planejamento de seu casamento arranjado. Essa questão coincide com um momento estratégico da Guerra Fria, com a busca dos EUA pela propagação de um ideal de união familiar^{LXVI} com o objetivo de combater o comunismo^{LXVII}.

Além de ter a necessidade de retratar a imagem de um príncipe para se relacionar com a princesa, outro fator que pode ser analisado é a fragilidade representada pela personagem feminina, que passa parte do filme inconsciente com a condição de ser salva por Phillip. A passividade de Aurora em “A Bela Adormecida” também se conecta ao cenário internacional da época, no qual as mulheres não tinham a mesma oportunidade de se inserirem em discussões políticas, sociais, acadêmicas e econômicas que os homens, muitas vezes sendo descredibilizadas por serem do sexo feminino^{LXVIII}.

Em termos gerais, o momento não era favorável para o estudo do feminismo nas Relações Internacionais, uma vez que os paradigmas defendidos eram majoritariamente realistas, com foco em questões relacionadas a fronteiras e segurança, além do fato de a comunidade internacional ter estado em busca de abordagens estratégicas para atuar na Guerra Fria^{LXIX}. Mesmo que houvesse a tentativa, por parte das mulheres, de se inserirem em tais debates, suas pesquisas eram subestimadas e vinculadas a estereótipos de seu gênero.

b. A Pequena Sereia

Passados 30 anos, em 1989 ocorre o lançamento do segundo filme selecionado: “A Pequena Sereia”. A história tem como protagonista Ariel, uma sereia que se apaixonou pelo príncipe que salvou durante uma tempestade, indo contra o que seu pai (o rei Tritão) havia a orientado a respeito da superfície. Para alcançar o seu objetivo de se relacionar com o príncipe Eric, a sereia faz um acordo com uma bruxa que propõe a troca temporária de sua cauda por pernas, com a condição de a jovem perder sua voz. Após os três dias que Ariel passa em sua forma humana, a bruxa tenta tomar o trono de Tritão e se revolta quando a princesa a confronta. Na conclusão do filme, o pai da sereia a presenteia com pernas novamente para que ela regresse à superfície e se case com Eric, deixando sua antiga rotina para trás.

Quando comparado ao primeiro filme analisado, a princesa que possui um papel mais ativo é a sereia, uma vez que possui ambições e busca alcançá-las, mesmo que encontre divergência frente às crenças do pai. Dessa forma, Ariel pode ser considerada uma princesa que exibe tanto características mais feministas, relacionadas à independência e à coragem, quanto alguns estereótipos femininos, sendo emotiva e vivendo em busca de um par amoroso^{LXX}. Ainda realizando uma comparação ao primeiro filme, é possível notar uma grande mudança do papel representado pelo príncipe, pois apesar de existir forte presença de uma figura masculina em “A Pequena Sereia”, a posição de Eric no filme é secundária.

No filme, não deixa de existir a apelação para o físico e a estética da personagem, porém é possível identificar forte personalidade e identidade retratada no papel da mulher por meio das atitudes tomadas por Ariel. Isso pode ser justificado quando se analisa o cenário internacional no período em que o filme foi lançado: um momento de mudanças,

transformações e resoluções de conflitos. Além dos acontecimentos internacionais de grande impacto, como o fim da Guerra Fria (1991) e a queda do Muro de Berlim (1989), o período que

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

sucedem a segunda metade da década de 1980 foi marcado por grande movimentação de mulheres em busca de igualdade na sociedade.

O impacto do feminismo desse período foi mais forte, sobretudo, nos EUA, devido ao fato de a nação ter saído vitoriosa da Guerra Fria e de já ter possuído um histórico de luta a favor da igualdade para as mulheres, sendo importante salientar que a influência feminista da época também marca presença em diversos outros Estados Ocidentais, como na Inglaterra. Mulheres passam a se organizar em diferentes locais do mundo para discutirem questões das quais, anteriormente, não possuíam lugar de fala, como a busca pelos direitos das trabalhadoras domésticas e a criação de diversas abordagens midiáticas (rádio, revistas) que valorizassem trabalhos elaborados por mulheres^{LXXI}. Surge, nesse período, a terceira onda do feminismo.

A partir de tal contexto, alguns comportamentos adotados pela princesa podem ser analisados e relacionados ao período de transformação passado pelo feminismo no cenário internacional. Em um momento do longa-metragem, durante uma das músicas-tema, a princesa demonstra insatisfação com as condições que vive, no trecho “o que eu daria se pudesse morar fora dessas águas?”^{LXXII}. Dessa forma, Ariel demonstra possuir ambições e anseio por independência em seu filme, fato que pode ser associado ao período em que mulheres passaram a possuir mais destaque e visibilidade internacional, como ocorreu na década de 1980 com uma maior inserção de mulheres nas Forças Armadas e com diversos movimentos pacifistas femininos ao redor do mundo^{LXXIII}.

Dessa forma, pode-se afirmar que as mudanças na formulação do feminismo nas décadas de 1980 e 1990 afetam a representação da figura feminina no filme em questão, uma vez que é possível apontar características consideradas masculinas na princesa, apesar de ainda existirem alguns estereótipos relacionados à beleza e ao comportamento feminino no filme. De acordo com Steve Niva^{LXXIV}, o período foi de grande importância para dar maior visibilidade às questões que englobam o gênero, como o exemplo do surgimento de um novo modelo de masculinidade durante a Guerra do Golfo (1990-1991). Essa nova masculinidade se originou nos EUA e abrangeu o antigo padrão comportamental de homens como sendo agressivos e corajosos, mas passou a adicionar características de compaixão e sensibilidade, o que, de certa forma, pode ser identificado no perfil do príncipe Eric.

c. MOANA: um mar de aventuras

Lançado 27 anos após “A Pequena Sereia”, o último filme escolhido – “Moana: Um Mar de Aventuras” – retrata a história de uma jovem, filha do chefe de uma tribo da Polinésia, que desafia as orientações do pai e decide velejar no mar aberto. O objetivo principal de Moana no filme era salvar sua tribo, que sofria com a falta de peixes e dependia disso para sua subsistência. Assim, a jovem tinha como missão devolver uma joia roubada por Maui, um semideus, que seria o coração de Te Fiti, uma deusa representada no filme.

A representação do papel da mulher no longa-metragem ocorre de forma diferente quando se realiza uma comparação aos outros filmes abordados, já que Moana é caracterizada por ser uma jovem independente, teimosa e por não possuir um par amoroso.

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

Além disso, o filme também retrata a presença de outras duas personagens mulheres com características marcantes e que possuem grande importância no longa-metragem: a avó de Moana e a deusa Te Fiti.

Outras divergências que podem ser apontadas em tal comparação é que Moana demonstra ter capacidade de realizar tomadas de decisões, além de não ser uma princesa efetivamente, sendo apenas a filha do chefe da tribo. Sobre a questão física da personagem, a jovem não possui as proporções corporais semelhantes as outras princesas mencionadas, sem estabelecer um padrão de magreza inalcançável ou prejudicial à saúde. Além disso, Moana também não representa o padrão ocidental feminino retratado nos outros filmes, já que a história é situada na Polinésia e a personagem apresenta pele escura e cabelos cacheados.

Os pontos citados anteriormente podem ser mais bem compreendidos quando se analisa o cenário internacional e o posicionamento feminista do período em que o filme foi lançado. Dessa forma, é importante ressaltar a relevância que a teoria feminista conquistou após a década de 1990, seja com a maior inserção no meio acadêmico ou maior desenvolvimento da teoria em si, abrangendo também questões relacionadas à raça, gênero e classes sociais^{LXXV}.

A personagem pode ser definida como “exploradora” ou “aventureira” por desejar conhecer novos lugares, principalmente o mar aberto, e por desafiar padrões sociais previamente estabelecidos por ser filha do chefe da tribo. É possível relacionar esse comportamento apresentado com o cenário internacional do período em que o filme foi lançado, no qual mulheres passaram a ter mais autonomia para se deslocarem geograficamente^{LXXVI}.

O turismo da década de 2010 se destaca por envolver questões de gênero, com mulheres mobilizando organizações internacionais em prol da igualdade de direitos e oportunidades na esfera turística^{LXXVII}. Sendo assim, é possível afirmar que há um maior anseio por empoderamento feminino, segurança, liberdade e igualdade entre homens e mulheres nos dias atuais, e isso é identificado na protagonista do filme abordado.

Durante o filme, Moana apresenta características de liderança e determinação, enfrentando diversos obstáculos para alcançar seu objetivo de salvar a ilha. A jovem afirma sua posição como líder em uma das músicas-tema do filme, no trecho “eu posso liderar com orgulho, posso nos tornar fortes”^{LXXVIII}. Esse papel de liderança é evidenciado nas últimas cenas, no momento em que a jovem guia sua tribo pelos mares. Fazendo uma correlação com a realidade, é notável o surgimento de uma maior liderança feminina internacional por sua presença política na década de 2010, como é o exemplo do papel desempenhado por Hillary Clinton como Secretária de Estado norte-americana. Durante o período que ocupou o cargo, diferentes chefes de Estado passaram a convocar mulheres para serem embaixadoras nos EUA, totalizando 25 mulheres nas embaixadas de Washington no ano de 2010^{LXXIX}. Apesar da conquista, esse número não equivale à metade do total de embaixadores no país no ano citado.

Ao realizar uma comparação entre as três personagens escolhidas, é evidente uma alteração de padrões comportamentais e físicos, assim como a mudança na representação do papel da mulher em cada filme analisado. Paralelamente, também é examinada a gradual internacionalização do feminismo e sua influência na sociedade internacional, assim como

os impactos de diferentes acontecimentos ao redor do mundo na formulação da teoria e no desenvolvimento dos movimentos sociais em questão. A partir disso, a principal função da conclusão deste trabalho é unir essas duas análises, realizando uma relação entre a evolução do

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

feminismo no cenário internacional e a influência de tais acontecimentos na representação do papel da mulher projetado nas personagens estudadas.

3. Considerações finais

A partir da discussão a respeito das alterações na caracterização e função das personagens da Disney analisadas (Aurora, Ariel e Moana), é possível estabelecer uma relação de influência do feminismo na representação do papel da mulher nos filmes abordados.

O mundo atual se situa em um contexto em que a agenda internacional aborda questões a respeito de gênero, tema que anteriormente não possuía tanta importância para as RI. Esse novo cenário culminou na emergência de mais demandas por causas sociais, dando um novo viés ao feminismo com sua introdução no meio acadêmico e maior visibilidade e abrangência em diferentes disciplinas. Dessa forma, ao realizar uma comparação entre as três personagens (Quadro 2), é possível notar maior influência feminista no filme cuja protagonista é Moana. No quadro em questão, as classificações de intensidade foram realizadas a partir de uma análise comparativa e qualitativa das características identificadas nos filmes em questão, sendo apresentadas como altas, médias ou baixas de acordo com a representação que possuem em cada longa-metragem.

As características observadas na princesa Aurora, como a falta de autonomia e o elevado grau de passividade, podem ser interpretados como reflexo do período em que o filme foi lançado, e são contrastantes quando comparadas as outras princesas. O período de lançamento do filme da princesa Ariel também interfere em suas características, sendo possível identificar um momento de transição e um padrão meio-termo de comportamento quando comparado ao das outras princesas. Moana, por sua vez, se mostra independente e determinada, reflexo da terceira onda do feminismo e do período atual, no qual as demandas de mulheres por igualdade em diversas esferas possuem mais visibilidade e credibilidade, apesar de ainda ser algo que busca ser alcançado.

O resultado desse maior envolvimento do movimento e da teoria feminista na sociedade ocidental acaba por gerar exigências da população para com as políticas e conteúdos fornecidos. Sendo assim, é compreendida a forma com que há uma alteração no padrão de comportamento das personagens da Disney, uma empresa multinacional de grande importância, refletindo as necessidades e desejos de seu público-alvo nas ações tomadas pelas protagonistas dos filmes.

Conclui-se, então, que os acontecimentos internacionais influenciam a evolução do movimento feminista com o passar dos anos e as diferentes fases do feminismo fazem com que haja uma mudança na representação do papel das mulheres nos filmes da Disney analisados, conforme demonstrado no quadro 2 abaixo.

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

Quadro 2 – Comparação entre as princesas

	Aurora	Ariel	Moana
Ano de lançamento	1959	1989	2016
Movimento feminista da época	Pouco marcante devido Guerra Fria	Transição para a terceira onda do feminismo	Feminismo em alta na no agenda internacional
Autonomia	Baixa	Alta	Alta
Ambição	Baixa	Média	Alta
Presença de príncipe	Alta	Média	Nula
Papel feminino	Baixo	Alto	Alto
Papel masculino	Alto	Médio	Médio

Fonte: Elaboração própria

À guisa de conclusão, é importante salientar que outras empresas estão investindo no empoderamento do papel das mulheres em suas produções cinematográficas, refletindo também essa mudança na representação da mulher. Exemplos são os filmes da Marvel “Pantera Negra”^{LXXX}, com a forte presença feminina das personagens Shuri, Okoye e Nakia; “Vingadores: Ultimato”^{LXXXI}, com diversas cenas de valorização do papel da mulher na caracterização das personagens femininas; e “Capitã Marvel”^{LXXXII}, que demonstra ser uma das personagens mais fortes da Marvel, além de também ser empoderada e independente.

Desse modo, embora o caminho para a igualdade de gênero ainda seja longo, nota-se que muito se avançou na representação das mulheres em produções cinematográficas o que têm a capacidade de influenciar pessoas em diferentes regiões do mundo, estimulando um novo olhar, mais igualitário, sobre o papel das mulheres na sociedade.

Notas

^I Graduada em Relações Internacionais pelo Unilasalle-RJ com período de intercâmbio na Universidade do Porto.

^{II} Doutora em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ) e mestre em Relações Internacionais pela PUC-Rio. Atualmente é coordenadora e professora do curso de Relações Internacionais do Unilasalle-RJ.

^{III} YELLIN, Emily. **Our mothers' war: American women at home and at the front during world war ii**. Simon and Schuster, 2004.

^{IV} TICKNER, J. Ann. **Gender in international relations: Feminist perspectives on achieving global security**. Columbia University Press, 1992.

^V Ibidem.

^{VI} PECEQUILO, Cristina. **Os Estados Unidos e o século XXI**. Elsevier Brasil, 2013.

^{VII} NYE, Jr., Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Public Affairs, 2004.

^{VIII} Nye (op. cit.) define o *soft power* como o poder de persuasão que um Estado possui para influenciar outros a fazerem o que é desejado, como pode ocorrer por meio da cultura ou de ideais políticos. Para o autor, o *hard power* ocorre por meio de induções ou ameaças de um Estado a outro através de meios militares e/ou econômicos, por

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

exemplo. Nye (2004) ainda define o *smart power* como uma junção estratégica dos dois outros tipos de poderes conceituados por ele.

^{IX} O “*American way of life*” pode ser definido como uma expressão de oratória política dos Estados Unidos que difunde a ideia de uma república democrática, justa e segura.

^X FORBES. **America’s 25 Biggest Public Companies In 2017**. Disponível em: <<https://www.forbes.com/pictures/gkxh45ehdl/24-walt-disney/#42f2a51266e8>>. Acesso em: 31/03/2018.

^{XI} THE WALT DISNEY COMPANY. **About**. Disponível em: <<https://thewaltdisneycompany.com/about/>>. Acesso em: 23/03/2018.

^{XII} OKIN, Susan Moller. **Is multiculturalism bad for women?**. Princeton University Press, 1999.

^{XIII} NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais**. Elsevier, 2005.

^{XIV} COCHRANE, Kira. **All the rebel women: The rise of the fourth wave of feminism**. Guardian Books, 2013.

^{XV} SALOMÓN, Mónica. A política externa através das lentes de gênero: uma agenda de pesquisa. **Boletim NEAAPE**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 6-13, abr. 2018.

^{XVI} O conceito de patriarcado é definido por Salomón (op cit, p.7) como o “domínio sistemático (embora em graus e maneiras variáveis) dos homens sobre as mulheres em todas as épocas e sociedades”.

^{XVII} SALOMÓN, Mónica. Op. Cit

^{XVIII} MONTE, Izadora Xavier do. O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 59-80, 2013.

^{XIX} TICKNER, J. Ann. **Gendering world politics: Issues and approaches in the Post-Cold War era**. Columbia University Press, 2001.

^{XX} Uma das principais críticas radicais é que “a ‘opressão’ da mulher é complexa demais para ser eliminada por meio da remoção de barreiras legais” (TICKNER, 2001, p.13), uma vez que esta advém de fatores sociológicos mais profundos e enraizados na comunidade.

^{XXI} “A desvalorização e naturalização do trabalho reprodutivo das mulheres permite a organização do sistema capitalista tal como é” (MONTE, 2013, p.74).

^{XXII} TICKNER, J. Ann. **Gendering world politics: Issues and approaches in the Post-Cold War era**. Columbia University Press, 2001.

^{XXIII} HARTSOCK, Nancy C. M. apud TICKNER, J. Ann. **Gendering World Politics: Issues and Approaches in the Post-Cold War Era**. Columbia University Press, 2001, p. 17.

^{XXIV} SYLVESTER, Christine. **Feminist theory and International Relations in a postmodern era**. Cambridge University Press, 1994.

^{XXV} Bell Hooks (1989) e Patricia Collins (2000) podem ser mencionadas como defensoras do feminismo negro em diferentes contextos internacionais.

^{XXVI} TICKNER, J. Ann. **Gendering world politics: Issues and approaches in the Post-Cold War era**. Columbia University Press, 2001.

^{XXVII} COLLINS, Patricia Hills. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. Routledge, 2000.

^{XXVIII} CHOWDRY, Geeta; NAIR, Sheila. **Power, postcolonialism and International Relations: Reading race, Gender and Class**. Routledge, 2002.

^{XXIX} PETERSON, Spike V., and RUNYAN, Anne S. **Global gender issues in the new millennium**. Colorado: Westview Press, 2014.

^{XXX} MONTE, Izadora Xavier do. Op. Cit.

^{XXXI} PETERSON, Spike V., and RUNYAN, Anne S. **Global gender issues in the new millennium**. Colorado: Westview Press, 2014.

^{XXXII} TICKNER, J. Ann. **Gendering world politics: Issues and approaches in the Post-Cold War era**. Columbia University Press, 2001.

^{XXXIII} ENLOE, Cynthia. **Bananas, beaches and bases: Making feminist sense of international politics**. University of California Press, 2014.

^{XXXIV} SYLVESTER, Christine. **Feminist International Relations: An unfinished journey**. Cambridge University Press, 2002.

^{XXXV} FERREE, Myra Marx; TRIPP, Aili Mari (Ed.). **Global feminism: Transnational women's activism, organizing, and human rights**. NYU Press, 2006.

^{XXXVI} BEAUVOIR, Simone de; PARSHLEY, Howard Madison. **The Second Sex**. Jonathan Cape, 1956.

^{XXXVII} Ibidem.

^{XXXVIII} Ibidem.

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

- XXXIX SANDERS, Valerie. First wave feminism. In: GAMBLE, Sarah. **The routledge companion to feminism and postfeminism**. Routledge, 2006.
- XL Ibidem.
- XLI O *Code Napoléon* foi o Código Civil Francês do ano de 1808 projetado por Napoleão Bonaparte. Separado em três partes, o primeiro livro do código é inteiramente voltado para o direito da família; englobando questões como o casamento e o divórcio, por exemplo (NETO, 2013).
- XLII BEAUVOIR, Simone de; PARSHLEY, Howard Madison. **The Second Sex**. Jonathan Cape, 1956.
- XLIII ENLOE, Cynthia. **Bananas, beaches and bases: Making feminist sense of international politics**. University of California Press, 2014.
- XLIV FARR, James R. World eras vol. 9: **Industrial revolution in Europe 1750-1914**. Thomson Gale, 2003.
- XLV SANDERS, Valerie. First wave feminism. In: GAMBLE, Sarah. **The routledge companion to feminism and postfeminism**. Routledge, 2006.
- XLVI ELSHTAIN, Jean Bethke. **Women and war**. University of Chicago Press, 1995.
- XLVII SANDERS, Valerie. Op. Cit.
- XLVIII CHOWDRY, Geeta; NAIR, Sheila. **Power, postcolonialism and International Relations: Reading race, Gender and Class**. Routledge, 2002.
- XLIX LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- L THORNHAM, Sue. Second wave feminism. In: GAMBLE, Sarah. **The routledge companion to feminism and postfeminism**. Routledge, 2006.
- LI Autora responsável pela publicação do livro "*The feminine mystique*" (1963).
- LII THORNHAM, Sue. Op. Cit.
- LIII No ano de 1970, as integrantes desse movimento se reuniram em uma conferência nacional com a finalidade de alinharem as principais causas a serem defendidas, acordando em: "igualdade salarial, igualdade educacional, creches 24 horas por dia, e contraceptivos gratuitos e abortos agendados" (THORNHAM, 2006, p. 27).
- LIV THORNHAM, Sue. Second wave feminism. In: GAMBLE, Sarah. **The routledge companion to feminism and postfeminism**. Routledge, 2006.
- LV ENLOE, Cynthia. Op. Cit.
- LVI GAMBLE, Sarah. Postfeminism. In: _____. **The routledge companion to feminism and postfeminism**. Routledge, 2006.
- LVII MODLESKI, Tania. **Feminism without women: Culture and criticism in a "postfeminist" age**. Routledge, 2014.
- LVIII BROOKS, Ann. **Postfeminisms: Feminism, cultural theory and cultural forms**. Routledge, 1997.
- LIX GAMBLE, Sarah. Op. Cit.
- LX HEYWOOD, Leslie; DRAKE, Jennifer (Ed.). **Third wave agenda: Being feminist, doing feminism**. University of Minnesota Press, 1997.
- LXI SYLVESTER, Christine. Op. Cit.
- LXII SALOMÓN, Mónica. Op. Cit.
- LXIII ONU MULHERES, **Sobre a ONU Mulheres**. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>>. Acesso em 17 de maio de 2019.
- LXIV SALOMÓN, Mónica. Op. Cit.
- LXV ENGLAND, Dawn Elizabeth; DESCARTES, Lara; COLLIER-MEEK, Melissa A. Gender role portrayal and the Disney princesses. **Sex roles**, v. 64, n. 7-8, p. 555-567, 2011.
- LXVI "A família norte-americana era retratada como um espaço seguro e protegido em meio a um mundo nuclear e perigoso" (TICKNER, 2001, p. 55).
- LXVII CATALANO, Christina. Shaping the American woman: Feminism and advertising in the 1950s. **Constructing the Past**, v. 3, n. 1, p. 6, 2002.
- LXVIII TICKNER, J. Ann. **Gendering world politics: Issues and approaches in the Post-Cold War era**. Columbia University Press, 2001.
- LXIX Ibidem.
- LXX ENGLAND, Dawn Elizabeth; DESCARTES, Lara; COLLIER-MEEK, Melissa A. Gender role portrayal and the Disney princesses. **Sex roles**, v. 64, n. 7-8, p. 555-567, 2011.
- LXXI ENLOE, Cynthia. Op. Cit.

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

- LXXII A PEQUENA Sereia (The Little Mermaid). Direção: Ron Clements e John Musker. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1989. 1 DVD.
- LXXIII TICKNER, J. Ann. **Gendering world politics: Issues and approaches in the Post-Cold War era.** Columbia University Press, 2001.
- LXXIV NIVA, Steve. Tough and tender: New world order masculinity and the Gulf War. **The man question in international relations**, p. 109-28, 1998.
- LXXV GAMBLE, Sarah. Postfeminism. In: _____. **The routledge companion to feminism and postfeminism.** Routledge, 2006.
- LXXVI ENLOE, Cynthia. Op. Cit.
- LXXVII Ibidem.
- LXXVIII MOANA: Um Mar de Aventuras. Direção: Ron Clements e John Musker. Estados Unidos: Walt Disney Animation Studios, 2016. 1 DVD.
- LXXIX ENLOE, Cynthia. Op. Cit.
- LXXX PANTERA Negra (Black Panther). Direção: Ryan Coogler. Estados Unidos: Marvel Studios, 2018.
- LXXXI VINGADORES: Ultimato (Avengers: Endgame). Direção: Anthony Russo e Joe Russo. Estados Unidos: Marvel Studios, 2019.
- LXXXII CAPITÃ Marvel (Captain Marvel). Direção: Anna Boden e Ryan Fleck. Estados Unidos: Marvel Studios, 2019.

Referências Bibliográficas:

- A BELA Adormecida (Sleeping Beauty). Direção: Clyde Geronimi e Wolfgang Reitherman. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1959. 1 DVD.
- A PEQUENA Sereia (The Little Mermaid). Direção: Ron Clements e John Musker. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1989. 1 DVD.
- BEAUVOIR, Simone de; PARSHLEY, Howard Madison. **The Second Sex.** Jonathan Cape, 1956.
- BROOKS, Ann. **Postfeminisms: Feminism, cultural theory and cultural forms.** Routledge, 1997.
- CAPITÃ Marvel (Captain Marvel). Direção: Anna Boden e Ryan Fleck. Estados Unidos: Marvel Studios, 2019.
- CATALANO, Christina. Shaping the American woman: Feminism and advertising in the 1950s. **Constructing the Past**, v. 3, n. 1, p. 6, 2002.
- CHOWDRY, Geeta; NAIR, Sheila. **Power, postcolonialism and International Relations: Reading race, Gender and Class.** Routledge, 2002.
- COCHRANE, Kira. **All the rebel women: The rise of the fourth wave of feminism.** Guardian Books, 2013.

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY:
UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

COLLINS, Patricia Hills. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment.** Routledge, 2000.

ELSHTAIN, Jean Bethke. **Women and war.** University of Chicago Press, 1995.

ENGLAND, Dawn Elizabeth; DESCARTES, Lara; COLLIER-MEEK, Melissa A. Gender role portrayal and the Disney princesses. **Sex roles**, v. 64, n. 7-8, p. 555-567, 2011.

ENLOE, Cynthia. **Bananas, beaches and bases: Making feminist sense of international politics.** University of California Press, 2014.

FARR, James R. World eras vol. 9: **Industrial revolution in Europe 1750-1914.** Thomson Gale, 2003.

FERREE, Myra Marx; TRIPP, Aili Mari (Ed.). **Global feminism: Transnational women's activism, organizing, and human rights.** NYU Press, 2006.

FORBES. **America's 25 Biggest Public Companies In 2017.** Disponível em: <<https://www.forbes.com/pictures/gkqh45ehdl/24-walt-disney/#42f2a51266e8>>. Acesso em: 31/03/2018.

FRIEDAN, Betty. **The feminine mystique.** Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 1963.

GAMBLE, Sarah. Postfeminism. In: _____. **The routledge companion to feminism and postfeminism.** Routledge, 2006.

HARTSOCK, Nancy C. M. apud TICKNER, J. Ann. **Gendering World Politics: Issues and Approaches in the Post-Cold War Era.** Columbia University Press, 2001, p. 17.

HEYWOOD, Leslie; DRAKE, Jennifer (Ed.). **Third wave agenda: Being feminist, doing feminism.** University of Minnesota Press, 1997.

HOOKS, Bell. **Talking back: thinking feminist, thinking black.** Boston: South End Press, 1989.

LIND, Michael. **The american way of strategy.** Oxford University Press, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOANA: Um Mar de Aventuras. Direção: Ron Clements e John Musker. Estados Unidos: Walt Disney Animation Studios, 2016. 1 DVD.

MODLESKI, Tania. **Feminism without women: Culture and criticism in a " postfeminist" age.** Routledge, 2014.

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

MONTE, Izadora Xavier do. O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 59-80, 2013.

NIVA, Steve. Tough and tender: New world order masculinity and the Gulf War. **The man question in international relations**, p. 109-28, 1998.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais**. Elsevier, 2005.

NYE, Jr., Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. Public Affairs, 2004.

OKIN, Susan Moller. **Is multiculturalism bad for women?**. Princeton University Press, 1999.

ONU MULHERES, **Sobre a ONU Mulheres**. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>>. Acesso em 17 de maio de 2019.

PANTERA Negra (Black Panther). Direção: Ryan Coogler. Estados Unidos: Marvel Studios, 2018.

PECEQUILO, Cristina. **Os Estados Unidos e o século XXI**. Elsevier Brasil, 2013.

PETERSON, Spike V., and RUNYAN, Anne S. **Global gender issues in the new millennium**. Colorado: Westview Press, 2014.

SALOMÓN, Mónica. A política externa através das lentes de gênero: uma agenda de pesquisa. **Boletim NEAAPE**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 6-13, abr. 2018.

SANDERS, Valerie. First wave feminism. In: GAMBLE, Sarah. **The routledge companion to feminism and postfeminism**. Routledge, 2006.

SYLVESTER, Christine. **Feminist International Relations: An unfinished journey**. Cambridge University Press, 2002.

THE WALT DISNEY COMPANY. **About**. Disponível em: <<https://thewaltdisneycompany.com/about/>>. Acesso em: 23/03/2018.

THORNHAM, Sue. Second wave feminism. In: GAMBLE, Sarah. **The routledge companion to feminism and postfeminism**. Routledge, 2006.

TICKNER, J. Ann. **Gender in international relations: Feminist perspectives on achieving global security**. Columbia University Press, 1992.

TICKNER, J. Ann. **Gendering world politics: Issues and approaches in the Post-Cold War era**. Columbia University Press, 2001.

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NAS PRINCESAS DA DISNEY:
UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA FEMINISTA

FERNANDA DE ABREU APPOLINÁRIO
FERNANDA CRISTINA NANJI IZIDRO GONÇALVES

VINGADORES: Ultimato (Avengers: Endgame). Direção: Anthony Russo e Joe Russo. Estados Unidos: Marvel Studios, 2019.

YELLIN, Emily. **Our mothers' war:** American women at home and at the front during world war ii. Simon and Schuster, 2004.